



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6593 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT13 - Educação Fundamental

EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS DO/A PROFESSOR/A GESTOR/A ESCOLAR EM CONTEXTOS DE DIVERSIDADE

Leandro Gileno Militão Nascimento - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS DO/A PROFESSOR/A GESTOR/A ESCOLAR EM CONTEXTOS DE DIVERSIDADE

Resumo

Este artigo tem como objetivo compreender as experiências pedagógicas do/a professor/a gestor/a em contextos de diversidade no cotidiano escolar. A diversidade será estudada pela interculturalidade crítica e pelas teorias decoloniais tendo como base os estudos de: Maclarem (2000), Rios (2016), Gomes(2012), Candau (2009), Canen (2011) Fleuri (2018), Santos (2004, 2010), Dussel (1993,1995), Quijano (2005). A metodologia encora-se na abordagem qualitativa, assume o dispositivo da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas como opção epistêmico-político-metodológica. Espero com esse trabalho contribuir para descortinar experiências pedagógicas construídas cotidianamente nas escolas, valorizando e trabalhando com as autorias e narrativas docentes silenciadas.

Palavras-chaves: Professor/a gestor/a. Experiência pedagógica. Diversidade.

Introdução

Como eu cheguei até aqui...

Constitui minha identidade profissional docente o cotidiano da escola pelas experiências formativas, que produzi no chão da escola. Nesse sentido, como diz Nóvoa (2005), as dimensões da profissão docente são construídas, de modo mais específico, no exercício profissional. Dessa forma, minha entrada na profissão me possibilitou a conviver e a desenvolver as práticas organizativas do trabalho docente e hoje acredito que o profissional torna-se docente quando passa a experimentar, a realizar a docência ao lado dos estudantes, dos colegas de trabalho, vivendo e convivendo com saberes e experiências diversas. Nessa dinâmica, os modos de

compreensão da minha docência e da gestão escolar fui revendo o meu papel e minha responsabilidade diante da educação.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência chegou na nossa escola com uma proposta de trabalho com a diversidade e mostrou na prática um trabalho significativo, com uma relação dialética, envolvendo tempos, espaços e sujeitos implicados com a educação e formação da docência, além de contribuir para as reflexões acerca da diversidade que constitui a sociedade e por consequência chegam à escola. Esse foi o divisor de águas em minha vida profissional. A diversidade passou a fazer parte de minhas discussões na escola e fora dela, fui motivado a rever minha prática pedagógica, o meu pensamento e reflexões sobre questões atuais e urgentes que são atravessadas pela minha profissão e a contemporaneidade. Nesse caminhar o encontro com grupo de pesquisa e fui compreendendo as discussões em torno da docência e a sua relação com a diversidade.

Junto a isso, fui convidado a refletir sobre a perspectiva do pensamento decolonial, porque trabalhar com a diversidade exige de mim um estudo também voltado para pensar na colonialidade e aceitar primeiro que fui fruto de uma educação colonizada, que foi me formando a partir de uma perspectiva eurocêntrica e totalitária, uma única história tida como oficial. Um dos caminhos é encontrar novos componentes que tornem o sistema educativo democrático e plural, nesse aspecto questiono: Como vivemos a diversidade na Escola Básica? Como construímos experiências pedagógicas com/na diversidade? Esses são grandes desafios postos para nossas escolas, para nós pesquisadores e toda comunidade escolar. E agora o que vou fazer com isso? O primeiro passo é esse reconhecimento de que o meu saber ainda esta(va) colonizado e aos poucos vou estudando e buscando parceiros/as para a caminhada epistêmica para não correr risco e congelar os meus saberes e também os saberes daqueles que são classificados como “diferentes.” Romper com esse tipo de estrutura não é fácil, mas é necessário para os tempos que estamos vivendo.

Acreditando que a escola é um espaço de interação, de aprendizagem, de diversidade, de insurgências é me coloco como agente ativo e participe desse processo que busco na pesquisa algumas respostas, mas acima de tudo busco contribuir com uma pesquisa formação que possa colaborar também com estudos, discussões, descobertas e contribuições para pensarmos juntos sobre experiências pedagógicas com/na a diversidade. Nessa perspectiva é que no doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade na Universidade do Estado da Bahia - UNEB, estou iniciando uma pesquisa que tem o título: Professor/a gestor/a na Educação Básica: experiências pedagógicas em contextos de diversidade. Essa é a proposta do meu trabalho que irei desenvolver durante o processo de doutoramento e tem como objetivo compreender as experiências pedagógicas do/a professor/a gestor/a em contextos de diversidade no cotidiano escolar.

As experiências pedagógicas revelam muito do que pensa o/a professor/a gestor/a suas “verdades”, suas práticas, sua caminhada pessoal e profissional e tudo que aprendeu vai refletir nas práticas pedagógicas. A temática da diversidade no contexto escolar tem nos convocado a reflexões sobre questões atuais e urgentes postas pela contemporaneidade e que precisam ser debatidas, analisadas e trabalhadas na escola. As diferenças que atravessam e constituem o cotidiano escolar têm exigido outros modos de ser professor/a gestor/a, outras formações,

outras políticas de conhecimentos construídas com os sujeitos envolvidos. Diante dessa discussão trago o questionamento: Como a atuação do/a professor/a gestor/a implica na constituição de práticas pedagógicas com a diversidade no contexto escolar?

Diante dessas reflexões consigo perceber nas andanças pedagógicas nas escolas municipais de Educação Básica no município de Salvador/BA uma inquietação do/a professor/a gestor/a com o desenvolvimento de um trabalho pedagógico em contexto com a diversidade.

Alguns passos possíveis

Sai do eu empírico para o eu pesquisador epistêmico é um passo importante para pensar em pesquisa de outros lugares do não assujeitamento, mas sim de uma perspectiva colaborativa, nessa perspectiva que esse estudo ancora-se na abordagem qualitativa, por ser uma metodologia que se caracteriza pela compreensão dos fenômenos, que geralmente são as ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social. Ludke e Andre (1996) relatam que a pesquisa qualitativa envolve métodos que se adéquam à investigação numa perspectiva interpretativa. Considerando o contexto da experiência do/a professor/a gestor/a escolar em torno da diversidade utilizo a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas - DNEP (SUÁREZ, 2007) como dispositivo epistemológico-político-metodológico e processo de formação, que gera pesquisa e torna evidente, potente os saberes e práticas pedagógicas docentes que são produzidas no seu fazer. Essas experiências ganham legitimidade e lugar de documento oficial, possibilitando constituir o movimento experiencial constituído ao longo das experiências de professor/a gestor/a.

A pesquisa será desenvolvida na Gerência Regional do Cabula^[1] que é composta de 47 escolas da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I e II, mas teremos um recorte e vamos trabalhar apenas com os/ professores/as gestores/as do Ensino Fundamental I, essa decisão foi tomada por conta de projeto maior do grupo de pesquisa que participo e que tem feito um trabalho com professores/as e coordenadores/as pedagógicos desse segmento, dessa forma optei também de trabalhar apenas com essa modalidade. Os/as professores/as gestores/as participarão desse processo de DNEP passarão por todas as etapas que esse dispositivo recomenda para sua concretização, compreendendo movimentos de narrar, escrever, comentar e reescrever sempre através de conversa e discussão entre os pares.

Buscando colaboradores e um caminho para pesquisar...

Atualmente vivemos momento de muitas indagações, incertezas e de reflexões, vindo de um sistema capitalista, hegemônico, dogmático, totalitário que nega todas as outras formas de conhecimento, uma educação monocultural, eurocêntrica, onde os currículos são construídos a partir de contexto eurocêntrico, que considera uma linearidade histórica, as demais culturas, passam a ser estigmatizadas, sofrem preconceitos, que as marginalizam, negando o caráter dinâmico e dialético da realidade e do conhecimento, tirando a possibilidade de um diálogo hermenêutico. Santos (2010), convida a pensar na sociologia das

ausências que é fundamentar uma crítica a esses procedimentos científico dominante e dialogar com experiências silenciadas, esse é um pressuposto hermenêutico.

A escola mesmo com dificuldades vem caminhando para abraçar a diversidade e encontrar caminhos para buscar uma prática pedagógica voltada para o respeito a diferença, para equidade, justiça, engajando estudantes, funcionários/as, professores/as nessa proposta voltada para interculturalidade que possa contribuir para a construção de um espaço pautado nas diversas culturas, falares, forma de ser, de pertencer, de viver, tudo isso requer de todos da escola um olhar diferenciado para o planejamento, para o currículo, bem como para as relações interpessoais. Trago as contribuições de Candau (2017, p.24) defendendo que a educação é capaz de contribuir para potencializar essas mudanças. “Desconstruir o “formato” escolar vigente, articular políticas de igualdade com políticas de reconhecimento e trabalhar pela incorporação da educação intercultural crítica em todos os níveis e âmbitos da educação.” através de adaptações, de formações, estudos e principalmente se reconhecendo como professor/a gestor/a diverso.

Buscando aprofundar o conceito sobre diversidade trago alguns autores/as que discutem essa categoria e que vai contribuir para o estudo dessa pesquisa. Candau (2017), Gomes (1999), McLaren (2000) Abramowicz, Rodrigues e Cruz (2011) trazem nas suas abordagens a importância do respeito a diferença, a heterogeneidade. Nesse contexto eles/as trazem a reflexão acerca da importância de atentar para a diversidade na escola e do papel da comunidade escolar com vistas ao enfrentamento da desigualdade que ocorre ou pode ocorrer nesses espaços.

Nesse cenário entra a importância da atuação do/a professor/a gestor/a nesse processo educacional que é atravessado pela diversidade e o atual contexto requer novos conhecimentos para lidar com múltiplas e diversas forma de ser e estar no mundo. As reflexões, estudos sobre diversidade na gestão escolar ainda é tímida, acredito na importância de um aprofundamento e pesquisas que possam escutar os sujeitos que estão na gestão escolar. Carvalho (2012, p.1), nesse aspecto, contribui afirmando que “a literatura tem privilegiado aspectos relacionados ao currículo, aos conteúdos e às práticas pedagógicas, na perspectiva da oposição à homogeneidade, à padronização e à uniformização.” Dessa forma é que percebo a importância social e educacional dessa pesquisa com os/as professores/as gestores/as.

O conhecimento escolar, as práticas pedagógicas não são neutras, estão relacionadas estreitamente com questões político-ideológicas, por isso a importância de um posicionamento também político em defesa do outro, esse outro que é discriminado, excluído, silenciado e não legitimado pela sociedade e pela escola. Pensar no currículo que temos como instrumento de dominação e alienação, mas tendo a possibilidade de questioná-lo vendo possibilidades de transformá-lo em um currículo decolonial, que conte outras histórias, que valorize outras narrativas. Esse movimento, desloca a escola para repensar a sua prática educativa e desconstruir uma educação fortemente marcada pela homogeneização e da uniformização. A escola é convidada a pensar um trabalho pautado nas diferenças, e a interculturalidade é um dos caminhos para avançar nessa proposta.

Para Candau (2017) colocar estas relações em questão é exatamente o foco da perspectiva da interculturalidade crítica.

Trata-se de questionar as diferenças e as desigualdades construídas ao longo da história entre diferentes grupos socioculturais, étnico-raciais, de gênero, orientação sexual, entre outros. Parte da afirmação de que a interculturalidade aponta a construção de sociedades que assumam as diferenças como constitutivas da democracia e sejam capazes de construir

relações novas, verdadeiramente igualitárias entre diferentes grupos socioculturais, o que supõe empoderar aqueles que foram historicamente inferiorizados. (p. 41)

Nesse sentido é que a interculturalidade adentra o meu trabalho com o posicionamento crítico, entendendo que a diferença é construída em um processo de colonização e de hierarquia. Entender esse processo é importante para que possamos pensar e rever nosso lugar, a nossa ação e nossa defesa por um projeto de sociedade, um projeto político, social, e ético que traga e desperte à transformação estrutural e sócio-histórica. Dessa forma, a interculturalidade passa a ser entendida como uma opção para pensar em práticas pedagógicas e administrativas, repensar as estruturas de poder. Esse processo é construído a partir de pessoas que se reconhecem, de gentes que acreditam na igualdade e equidade e que tem o desejo de transformar e questionar a colonização, subalternização, os padrões de poder, assim daremos passos para uma educação intercultural. Walsh (2009) contribui para ampliar a discussão afirmando que:

La interculturalidad entendida críticamente aún no existe, es algo por construir. Por eso, se entiende como una estrategia, acción y proceso permanentes de relación y negociación entre, en condiciones de respeto, legitimidad, simetría, equidad e igualdad.” (p.78-79)

Somos convocados a constituir propostas educativas que possam assumir a perspectiva da educação intercultural crítica e decolonial. A perspectiva decolonial é um movimento teórico, ético e político que vem questionar as pretensões de objetividade do conhecimento dito verdadeiro e científico, buscando empoderar e emancipar todos os tipos de opressão, dominação e silenciamento, ao articular educação, cultura, política, etc de maneira a construir e problematizar um campo inovador de pensamento que vai privilegiar a epistemologia dos oprimidos e excluídos, em detrimento dos legados impostos pelo colonialismo. Nesse sentido o “Giro decolonial” é um termo trazido originalmente por Maldonado (2007) e que significa um movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, contrapondo à modernidade/colonialidade.

Nessa mesma perspectiva, Dussel (1982) fala sobre a proposta da Filosofia da Libertação sendo uma proposição de rompimento com a dominação e com a negação do outro. O pensamento de Dussel traz a perspectiva a libertar os opressores de sua própria matriz de dominação, ele faz crítica às correntes filosóficas eurocêtricas que não conseguem romper com a reprodução das relações de dominação e nem perceber o outro a partir de uma ética libertadora, que outro precisa ser pensado para além da totalidade existencial, seja cotidiana, seja epistêmica. Por tudo isso é preciso pensar e olhar a educação, em especial a escola com um olhar crítico e cuidadoso por ser um espaço privilegiado de formação e de (res)significar as experiências propositivas que resistiram às investidas dos diversos colonizadores e das diversas formas de opressão.

(In) conclusões

O processo de pesquisa no doutoramento está me levando a escolher alguns caminhos epistêmicos para que eu possa estudar, pesquisar e compreender as experiências pedagógicas do/a professor/a gestor/a em contextos de diversidade no cotidiano escolar. E poder ouvir esses/as colaboradores/as através da Documentação Narrativa de Experiência Pedagógica é trazer para a universidade as vozes e experiências de quem faz educação acontecer nas escolas da Educação Básica, de quem através de suas narrativas/documentos podem contar suas

histórias, que servirão de aprendizagem e formação. As narrativas ensinam e nos dizem muito, sobre cada um que vai narrar, escrever, comentar, reescrever e documentar esse processo possibilita ao sujeito autonomia e contribui para renovar o pensamento, o discurso e o debate pedagógico através de uma formação ativa com coletivo de professores/as gestores/as. Será uma pesquisa formação muito voltada para pensarmos nas experiências insurgentes desses sujeitos, o que eles/as trazem nesse contexto de diversidade, o que podemos aprender com as experiências de cada um.

É nesse cenário que estou pensando, estudando e escrevendo meu trabalho, amadurecendo algumas ideias, repensando outras, estou na fase inicial, primeiro semestre do doutorado, revendo algumas questões no projeto, mas é nesse movimento que vou me entendendo, me descobrindo e me fazendo pesquisador com um olhar atento nas experiências insurgentes vindas das escolas. Dessa forma cheguei até aqui e quero prosseguir na caminhada contribuindo para uma educação plural e uma escola que extrapole o currículo formal, respeitando, ouvindo, valorizando e trabalhando com as narrativas de quem teve suas vozes silenciadas. Agora é outra história.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete. RODRIGUES, Tatiane Cosentino, CRUZ, Ana Cristina da. A diferença e a diversidade na educação. **Dossiê Relações Raciais e Ação afirmativa. Contemporânea. N. 2, p 85-97.** Jul-Dez 2011

CANDAU, Ferrão Vera M. Diferenças, Desigualdades e Educação Escolar: Desafios da Perspectiva Intercultural. In: RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco, (Organizadora). **Diferença e Desigualdades no Cotidiano da Educação Básica.** Campinas. SP: Mercado das Letras, 2017.

CARVALHO, E. J. G. Educação e Diversidade Cultural. In: CARVALHO, E.J.G.;FAUSTINO, R. C. (org.). **Educação e Diversidade Cultural.** 2. ed. Maringá: Eduem, 2012.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação na América Latina.** São Paulo: Edições Loyola, 1982.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e diversidade cultural: refletindo sobre as diferenças presentes na escola.** 1999. Artigo publicado no site: www.mulheresnegras.org/nilma Acessado em: 28/08/2008.

LUDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MALDONADO-TORRES, Nelson (2007). “Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto”, em CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFUGUEL, Ramon (coords.) El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar.

NÓVOA, A. “**Dilemas actuais dos professores: A comunidade, a autonomia, o conhecimento.** Goiânia: Editora da UCG, 2005.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de

saberes. In: Santos, B. de S. e Meneses, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez. 2010.

SUÁREZ, D. H. Docentes, narrativa e investigación educativa: La documentación narrativa de las practicas docentes y la indagación pedagógica del mundo y las experiencias escolares. In: SVERDLICK, I. et all. *La investigación educativa: Una herramienta de conocimiento y de acción*. Buenos Aires: Noveduc, 2007.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco, NUÑES, Joana Maria Leôncio, FERNANDEZ, Osvaldo Francisco Ribas Lobos. Diversidade na Educação Básica: Políticas de sentido sobre a formação docente. In: **Revista da FAEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 25, n. 45, p. 101-112, jan./abr. 2016.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad crítica y educación intercultural**. Este artículo es una ampliación de la ponencia presentada en el Seminario “Interculturalidad y Educación Intercultural”, organizado por el Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Paz, 9-11 de marzo de 2009.

[1] A gerência é uma sub secretaria de educação que acompanha as escolas de sua região. Salvador é dividida em 10 gerências regionais.